

Futuro do pretérito para Lillian Hellman



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Diva do teatro e da literatura memorialista, a roteirista que devassou a moral dos EUA e irritou patrulhas anticomunistas ganha retrospectiva na maratona cinéfila do norte espanhol

Pesquisas em livrarias digitais como a Amazon acerca da obra de Lillian Florence Hellman (1905-1984) nos levam a pérolas da escrita como “Uma Mulher Inacabada” (1969), “Penitimento” (1973) e “As Pequenas Raposas” (1939), publicadas aqui pela editora José Olympio. Memórias são a argamassa de sua carpintaria literária. Já as armadilhas do moralismo servem de magma para fazer ferver sua dramaturgia, avessa a hipocrisias. No cinema, no ofício de roteirista, ela emplacou uma voz autoral das mais tornitruantes, o que justifica a retrospectiva de seu legado audiovisual na 73ª edição do Festival de San Sebastián.

Desde 1959, quando homenageou o cineasta francês René Clair (1898-1981), o evento revisita títulos de ontem (e de sempre) a cada ano, dedicando-se vez ou outra a movimentos, como ocorreu em 2024, quando falou do poliziesco, a safra de thrillers de crime (muitos deles de tons político) rodados na Itália.

A aposta deste ano se articula com o empenho da indústria cinematográfica espanhola para desafiar paradigmas da arte de roteirizar e leva-la para além dos padrões hollywoodianos. Os chavões do cinemão americano não afetaram Lillian, vide “Beco Sem Saída” (1937) e “Na Voragem da Paixão” (1963), que serão exibidos nesta quinta, na maratona espanhola.

“Lillian contribuiu com uma visão muito pessoal, mas roteiris-



O roteiro de Lillian Hellman para ‘Infâmia’ (1936) sofreu sob o crivo da censura

Divulgação



Lillian Hellman: a mulher como centro de sua obra

tas antes dela no cinema mudo já haviam trazido outros valores em relação à representação da mulher no cinema e às relações com os homens”, ressalta Quim Casas, curador das mostras do evento ibérico. “Na maioria de seus textos, a figura central é a mulher, ainda que seja ela condenada pela mentira, como no caso de ‘These Three’ (aqui chamado de ‘Infâmia’), embora nesta primeira adaptação de sua peça ‘The Children’s Hour’, a relação lésbica entre duas professoras te-

nha sido eliminada por causa da Censura. Às vezes, em sua obra, a mulher é erigida ao posto de titular de um matriarcado devastador, como a personagem Regina, de Bette Davis, em ‘The Little Foxes’ (‘Pérvida’).

Há um retrato de mulher em sua obra também no compromisso político, caso da esposa de um antifascista em ‘Watch on the Rhine’ (‘Horas de Tormenta’) e da figura vivida por Sylvia Sidney em ‘The Searching Wind’ (‘A Esperança

Não Morre’). Essa é a única personagem que entende o que vai acontecer na Europa quando Hitler e Mussolini chegam ao poder em seus respectivos países. Há ainda as mulheres subjugadas e, ao mesmo tempo, libertadas do thriller ‘The Chase’ (‘Caçada Humana’), embora este seja um roteiro de Hellman baseado em um romance de Horton Foote”.

Assombrada pelo caça às bruxas ligado a ideologias comunistas, Lillian inspira romancistas e contistas fora dos Estados Unidos, como o paulista de Amparo Marçal Aquino. Autor de “Eu Receberia As Piores Notícias Dos Seus Lindos Lábios” (2005), ele é um dos pilares do roteiro no país, sobretudo em suas parcerias com Beto Brant (como “O Invasor”).

“Lillian Hellman é um paradigma da intelectual que conseguiu conjugar criação e ação prática”, diz Marçal. “Pagou o preço que pagam até hoje as mulheres que vivem à frente do seu tempo. E escrevia bem, como se sabe pelo testemunho daquele que era seu primeiro leitor, um tal Dashiell Hammett”, diz, referindo-se ao autor best-seller das narrativas policiais que amou e foi amado por Lillian.

A América que a transportou para as telas é plural, segundo Quim Casas: “Há duas Hollywoods muito diferentes em torno de Lillian. Uma é a Hollywood do final dos anos 1930 e a da década de 1940, com o peso do cinema antifascista. A outra Hollywood é a do cinema americano dos anos 1960, quando o roteiro de Hellman para ‘Caçada Humana’, de Arthur Penn, está plenamente inscrito no esquema pré-cinema moderno. Quanto aos diretores com quem ela trabalhou, acredito que William Wyler foi quem melhor se entendeu com Hellman e quem melhor adaptou seus roteiros e obras originais”.

Na seara das retrospectivas, San Sebastián – que encerra sua programação no sábado – abre espaço ainda para um clássico do cinema português: “Aniki Bóbo” (1942), no qual Manoel de Oliveira (1908-2015) filmou o Douro a partir das peripécias de um garotinho.